

A dor física e psíquica na metapsicologia freudiana

Zeferino Rocha

Mestre em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1948-1952); Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris X – Nanterre (1973) – Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Psicologia Clínica da UNICAP e membro fundador do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

End.: R. Conselheiro Portela, 139/ Apto 502. Espinheiro – Recife – PE. CEP: 52020-030. Fone (81) 3224.7647.

Email: zephyrinus@globocom

Resumo

*Ressaltando que a experiência da dor é única e que, semelhante à Esfinge de Tebas, ela se encontra à porta de cada uma de nossas existências, com a intimação de que lhe decifremos o seu enigma, para não ser por ela devorados, o autor se propõe, no presente ensaio, a acompanhar as etapas principais da elaboração freudiana da teoria metapsicológica da dor, tanto na sua dimensão física quanto psíquica. Inicialmente foram estudados, no contexto teórico do “Projeto para uma Psicologia científica” (1895), o modelo da experiência do prazer e o modelo da dor. Em seguida, a dor foi considerada no texto **Além do Princípio do Prazer** (1920), em articulação com as situações que questionam o primado do princípio do prazer no acontecer psíquico. Entre essas situações foram destacadas as neuroses de acidente (Unfallneurosen), o*

*jogo do Fort Da que Freud analisou quando viu seu neto tentando controlar uma situação de dor e de angústia causada pela ausência da mãe e a compulsão à repetição de situações dolorosas na Transferência. Por fim, foi dado destaque à distinção entre dor física e dor psíquica no anexo C do livro **Inibição, Sintoma e Angústia** (1926). Nas considerações finais, a concepção metapsicológica da dor foi complementada com algumas reflexões dos pensadores trágicos: Ésquilo na Grécia arcaica e Nietzsche na Idade Moderna.*

Palavras-chave: *Metapsicologia. Prazer. Dor Física. Dor Psíquica. Sofrimento Trágico.*

Abstract

*Emphasizing that the pain experience is unique, and that, similar to the Tebas Sphinx, it is found at our existence door, with the comand that we decipher her enigma, for not to be eating away by her, the author proposes, in the present essay, to follow the main stages from the Freudian elaboration in the metapsychological theory of pain, in its psysical as psychic dimension. First of all, it was studied, on the theoretical context from the **Project for a scientific Psychology**” (1895), the model of the pleasure experience and the pain model. Second of all, pain was consodered in the text **“Beyond the Pleasure Principle”** (1920) articulated with the situations that question the rule from the pleasure principle in the psychic happening. Among these situations were highlighted the accident neurosis (Unfallneurosen), the Fort Da game which Freud analised when he saw his grandson trying to control a painful and anguish situation caused by his mother absence and the repetition compulsion from painful situations of transference. At last, it was highlighted the distinction between psysical pain and psychic pain in the apendix C of the book **Inibition, Symptom and Anguish** (1926). In the final considerations, the Freudian view of pain is complemented with some reflexions of tragic thinkers: Aeschylus, from the ancient Greece and Nietzsche from the Modern Age.*

Keywords: *Metapsychology. Pleasure. Psysical Pain. Psychic Pain. Tragic Pain.*

Resumen

*Resaltando que la experiencia del dolor es única y que, a semejanza de la Esfinge de Tebas se halla próxima a cada una de nuestras existencias, conminándonos a que descifremos su enigma para no devorarnos, el autor se propone, en el presente ensayo, acompañar las principales etapas de la elaboración freudiana de la teoría metapsicológica del dolor, tanto en su dimensión física como en la psíquica. Inicialmente, en el contexto teórico del **Proyecto para una psicología científica** (1895) se estudiaron los modelos de la experiencia del placer, y el del dolor. Seguidamente, en el texto de **Mas allá del principio del placer** (1920) el dolor fue considerado enlazado con las situaciones que cuestionan la primacía del principio del placer, en el acontecer psíquico. Entre esas situaciones se destacaron las neurosis de accidente (*Unfallneuroses*), el juego del Fort Da, el cual fue analizado por Freud cuando observó a su nieto intentando controlar una situación de dolor y angustia, motivada por la ausencia de la madre y la compulsión repetitiva de situaciones dolorosas en la transferencia. Finalmente, le fue dada prevalencia a la distinción entre el dolor físico y el dolor psíquico, en el anexo C del libro **Inhibición, Sintoma y Angústia** (1926). En las consideraciones finales, la concepción metapsicológica del dolor fue complementada con algunas reflexiones de los pensadores trágicos: Esquilo en la antigua Grecia y Nietzsche en la época moderna.*

Palabras clave: Metapsicología. Placer. Dolor Físico. Dolor Psíquico. Sufrimiento Trágico.

Résumé

*Mettant en relief l'expérience de la douleur comme une expérience unique, qui semblable au Sphinx de Thébas se rencontre à la porte de chacune de nos existences avec l'intimation de déchiffrer son énigme pour ne pas être par elle dévorés, l'auteur se propose, dans le présent essai, d'accompagner les étapes principales de l'élaboration freudienne de la théorie métapsychologique de la douleur, aussi bien dans sa dimension physique que psychique. Initialement, ont été étudiés, dans le contexte théorique du « **Projet pour une psychologie scientifique** » (1895) le modèle de*

*l'expérience du plaisir et le modèle de la douleur. Ensuite, la douleur a été considérée dans le texte « **Au-delà du Pricipe de Plaisir** » (1920) en articulation avec les situations qui questionnent le primat du pricipe du plaisir dans l'avènement psychique. Parmi ces situations, ont été mises en relief les névroses d'accident (Unfallneurosen), le jeu du Fort Da que Freud a analysé en regardant son neveu en train de contrôler une situation de douleur causée par l'absence de la mère et la compulsion à la répétition des situations douloureuses dans le Transfert. Finalement, on a mis en relief la distinction entre douleur physique et douleur psychique, travaillée par Freud dans l'annexe C du livre « **Inhibition, Symptôme et Angoisse** » (1926). Dans les considérations finales, la conception métapsychologique de la douleur a été complétée avec quelques réflexions des penseurs tragiques : Éschille dans la Grèce ancienne et Nietzsche dans l'Époque moderne.*

Mots-clé: Métapsychologie. Plaisir. Douleur Physique. Douleur Psychique. Souffrance Tragique.

A dor física e psíquica na metapsicologia Freudiana

Introdução

Embora Freud não tenha feito um estudo sistemático da experiência da dor, nem mesmo tenha se empenhado em integrá-la ao conjunto de sua teoria psicanalítica, é inegável que, sob as mais variadas formas, o estudo da dor foi objeto de suas reflexões durante todo o desenvolvimento de sua Obra. Desde o **Projeto para uma Psicologia Científica** de 1895 até ao Anexo C do livro **Inibição, Sintoma e Angústia** de 1926, o enigma da dor, tanto na sua dimensão física quanto no seu registro psíquico, ocupou um lugar de destaque nas preocupações teóricas e clínicas do pai da Psicanálise.

E não poderia ser de outro modo, pois se a teoria psicanalítica é elaborada a partir da observação clínica, sabe-se que, na grande maioria das vezes (para não dizer sempre), todo aquele que procura um analista para submeter-se a uma experiência

de análise, sente-se a isso motivado pelo desejo de descobrir o que fazer e como melhor lidar com o enigma de sua própria dor, para, depois, poder usufruir, um pouco que seja, daquele pequeno quinhão de prazer e de felicidade, que a cada um de nós é dado construir na vida.

A dor, uma experiência única

Por mais que a experiência da dor seja de natureza universal, pois não existe entre os seres humanos (se prescindirmos das exceções), quem dela não tenha feito a experiência, a dor é nossa companheira inseparável e, no que tem de mais significativo, é uma experiência única, vale dizer, a minha dor é uma dor só minha. Por mais que se pareça com as dores dos demais, por mais que se repita, a dor, que cada um experimenta, é única. Ninguém pode senti-la em seu lugar. Ninguém, senão aquele que a sente, pode descobrir e, finalmente, saber o que ela tem a lhe dizer. Nesse sentido, tinha razão o “doente imaginário” de Molière, quando retrucava indignado aos médicos que queriam, a todo custo, revelar-lhe o sentido de sua dor: *“Vosso alto saber, vãos e insensatos médicos, é uma pura quimera. Não podeis saber com vossos grandes nomes latinos a dor que me desespera”* (Molière 1673/1995, p. 34).

A Esfinge da Dor

Como se fora uma Esfinge, a dor coloca-se inexoravelmente à porta de cada uma das nossas vidas e todo ser humano, desde o momento em que entra no Mundo, está destinado a se confrontar com ela e a responder ao seu engima, e este, como o da Esfinge de Tebas, também vem seguido da fatídica intimação: “Decifra-me ou eu te devoro”. Se o enigma da dor, qual o de uma nova Esfinge, for “decifrado”, vale dizer, se, por mais dolorosa que seja, a experiência da dor puder ser introduzida, pela mediação criativa da linguagem, no mundo da representação e dos símbolos, ela poderá dar sentido ao que parece não ter sentido em nossas vidas, vale dizer, às nossas angústias, às nossas perdas e aos nossos

fracassos. Mas, se ela não for decifrada, ou seja, se ela for congelada na carne de nosso corpo e, na sua mudez, não puder ser representada nem simbolizada, ela tornar-se-á mortífera e nos devorará, como fazia a Esfinge de Tebas a quantos não eram capazes de decifrar o seu enigma.

Se esta metáfora da “dor-esfinge” nos diz alguma coisa, então temos de reconhecer que o enigma da dor, de imediato, nos mergulha na dimensão trágica da existência. Por isso, penso eu, os filósofos do trágico, Ésquilo, Sófocles, entre os antigos, e Schopenhauer e Nietzsche, entre os modernos, têm muito a nos dizer sobre o enigma da dor. Mas não vamos ouvi-los agora.

Objetivos do trabalho

Agora, o que de imediato se impõe, é definir o objetivo geral que vai orientar o desenrolar lógico do presente ensaio. Pois bem, este objetivo é acompanhar Freud nos diversos momentos que marcaram as etapas-mestras da elaboração de sua teoria metapsicológica da dor.

Jean Bertrand Pontalis adverte que muitos psicanalistas reagem com reticências e descrédito, quando se deseja introduzir a dor no campo da pesquisa psicanalítica. Eles temem que o interesse pelo tema possa transformar-se em uma “apologia do sofrimento”, a qual nos poderia levar a um “misticismo negativo” (Pontalis, J-B. 1977, p. 256). Piedoso exagero! A dor pode ser trabalhada, sem que necessariamente sejamos induzidos a qualquer forma de misticismo.

Roteiro metodológico

Para alcançar o objetivo proposto, vamos começar acompanhando a trajetória seguida por Freud durante a elaboração de sua teoria metapsicológica da dor e iniciemos lembrando o que ele escreve no **Projeto para uma Psicologia Científica** de 1895, pois, nele, encontra-se o essencial do que Freud escreveu sobre a dor no período do desenvolvimento de sua doutrina, que se convencionou chamar de Primeira Tópica. A ele acrescentaremos, apenas, algumas reflexões relativas aos escritos metapsicológicos sobre o

Recalque, o Luto e a Melancolia. ¹

Depois veremos o que ele escreveu sobre a dor no contexto da chamada Segunda Tópica, vale dizer, no contexto da reformulação da teoria das pulsões no artigo **Além do Princípio do Prazer** (1920). À luz deste texto, vamos analisar o papel da dor nas neuroses de acidente (*Unfallneurosen*) e naquela brincadeira infantil que passou para a história da psicanálise como o jogo do *Fort Da*. No contexto das neuroses traumáticas, articularemos a dor ao narcisismo defensivo, deixando, para uma próxima pesquisa, o papel da dor no masoquismo originário, tal como Freud o reformulou à luz da sua teoria sobre a pulsão de morte.

Mas o essencial do que Freud escreve sobre a dor no contexto da Segunda Tópica, encontra-se no célebre Anexo C, do livro: **Inibição, Sintoma e Angústia** (1926), com o título: **Angústia, Dor e Luto**, no qual ele retoma e complementa o que foi dito no **Projeto** de 1895. Dir-se-ia que o próprio Freud se encarregou de fazer um resumo de sua teoria metapsicológica da dor, retomando, no fim, o que dissera logo no início de sua Obra, em consonância com aquelas palavras do poeta T. S. Eliot : “O começo é o fim e o fim é de onde partimos.”

Finalmente, como considerações finais, lembraremos o essencial do que sobre a dor disseram os trágicos gregos e o filósofo Nietzsche, e terminaremos lembrando, rapidamente, os desafios que as novas formas de sofrimento psíquico em nossos dias estão fazendo à Clínica psicanalítica contemporânea. Esse é o roteiro metodológico do ensaio. Começemos, pois, acompanhando Freud no que diz sobre a dor no **Projeto para uma Psicologia Científica** de 1895.

A dor na (meta) psicologia do projeto de 1895

O **Projeto** de 1895 tem um lugar especial na Obra de Freud. Embora só tenha sido publicado depois de sua morte e para tanto tenha passado por uma verdadeira odisséia de Berlim a Paris e de Paris a Londres; embora o próprio Freud nunca tenha a ele se referido, nem tenha pedido de volta o Manuscrito ao amigo Fliess, a cuja apreciação o havia confiado; embora ele tenha mandado sua aluna e amiga Marie Bonaparte rasgá-lo, quando esta lhe co-

municou ter encontrado e resgatado o Manuscrito de um livreiro de Berlim, que, por sua vez, o havia comprado à mulher de Fliess; apesar de todos esses percalços, o **Projeto** de 1895 foi publicado depois da morte de Freud e vem chamando a atenção de muitos teóricos da Psicanálise, que, nele, veem uma verdadeira sementeira da Teoria psicanalítica.

Jean-Bertrand Pontalis, por exemplo, escreveu que o **Projeto** de 1895 é “uma lembrança encobridora da Obra freudiana” (Pontalis, J-B. 1977, p. 257). Uma “lembrança encobridora” na medida em que, sob a roupagem de uma linguagem neurofisiológica, o texto do **Projeto** esconde algumas das ideias germinais e fundamentais da Teoria psicanalítica, que Freud desenvolveu durante toda a sua vida.

No **Projeto**, Freud se propôs apresentar os processos psíquicos em uma concepção quantitativa derivada “diretamente de observações clinicopatológicas, sobretudo das relativas a ideias excessivamente intensas, como na histeria e nas obsessões, nas quais, como veremos, a característica quantitativa surge com mais clareza do que seria normal.” (Freud, S. 1895/1975, p. 25-26). Por isso, Garcia Roza observa que a concepção freudiana subjacente ao **Projeto** é uma “concepção científica”. Ela, porém, não deve ser considerada como uma “concepção naturalista”, pois o **Projeto** não resultou de um trabalho fundamentado em observações e experimentos, mas é um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética. (Garcia-Rosa, A. 1991).² Como quer que seja, é, nesse **Projeto**, em que vamos encontrar o primeiro modelo do Aparelho psíquico. Ao lado da quantidade e da intensidade, Freud nele destaca a ideia dos neurônios, como suporte material e elemento constituinte do Aparelho psíquico, e distingue três sistemas de neurônios: **os sistemas ϕ (phi), ψ (psi) e ω (ômega).**

Para situar, no seu devido contexto teórico, o que Freud escreve sobre a vivência da dor (*Schmerzzerlebnis*), vamos recordar, rapidamente, o essencial daquilo que ele escreve sobre os sistemas de neurônios **phi, psi e ômega**, sobre as **ações e os objetos específicos**, mediante os quais cessam os estímulos endógenos das necessidades vitais, para, em seguida, destacarmos **a condição de Hilflosigkeit** (desamparo) do recém-nascido e, por fim, dizer

uma palavra sobre **a experiência de satisfação originária**, pois foi neste contexto teórico que Freud abordou o problema da dor.

Os sistemas de neurônios φ (phi), ψ (psi) e ω (ômega)

No sistema φ (phi), os neurônios são permeáveis à passagem de Q (quantidade). São, portanto, neurônios condutores e não retentores de Q_{η} (quantidade de energia de fonte endógena). Eles não retêm nem são modificados pela passagem da quantidade de energia. São neurônios que servem à percepção e, para tanto, precisam ser inalterados a cada nova percepção. Se retivessem a energia, em breve não poderiam servir à percepção. A terminação dos neurônios **phi** não está em contato direto com o mundo externo, esse contato é feito pelos órgãos dos sentidos, que funcionam como telas de proteção e deixam passar apenas frações de Q exógenas para os neurônios **phi**.

No sistema ψ (psi), que é o sistema da memória e Freud diz que “toda teoria psicológica, digna de interesse, deve oferecer uma explicação da memória” (Freud, S. 1895/1975, p. 29), os neurônios podem ser influenciados, ou modificados, pela excitação. O que distingue os neurônios permeáveis dos impermeáveis é a resistência das “barreiras de contato” (*Kontaktschranke*). No caso dos neurônios impermeáveis, a resistência nas barreiras de contato são de maior grandeza do que a da Q. Tanto os neurônios φ (**phi**) quanto os ψ (**psi**) possuem barreiras de contato, mas em φ (**phi**) elas não oferecem resistência, enquanto em ψ (**psi**) elas são alteradas pela passagem da Quantidade. Percepção e Memória são funções que se excluem mutuamente. O sistema **psi** está ligado aos estímulos endógenos e, antecipando o que dirá depois no artigo sobre **As pulsões e os destinos das pulsões** (1915), Freud afirma que a excitação (*Reiz*), proveniente dessas estimulações endógenas, funciona como uma força constante (*konstante Kraft*) e mostra-se como “uma exigência de trabalho” ao sistema ψ (**psi**). Portanto, no **Projeto**, o sistema ψ (psi) aparece como um “aparelho de memória”, formado por estratificações sucessivas, graças ao processo que Freud chamou de *Bahnung*, vale dizer, de “facilitação” nas barreiras de contato (*Kontaktschranke*), a qual di-

minui a resistência à passagem da energia. A *Bahnung*, facilitando o percurso em determinadas direções e não em outras, torna possível a memória, como um processo que implica um diferencial de valor entre os caminhos possíveis que se entrecruzam, formando a complexa rede de neurônios.

Finalmente, no sistema ω (*ômega*) temos os neurônios que são excitados juntamente com a percepção e, nele, são produzidas as sensações conscientes de prazer e de desprazer. Os sistemas de neurônios φ (*phi*) e ψ (*psi*), lidando com a quantidade dos estímulos exógenos e endógenos, não acontecem no registro da consciência. Dir-se-ia que, sem ainda constituírem o sistema Inconsciente (Ics) do modelo topográfico da *Traumdeutung*, eles já o anunciam. Os aspectos sensíveis da percepção, ligados à Qualidade, levantam a questão da Consciência, e anunciam o sistema Percepção-Consciência. Não podendo ser reduzidos nem ao sistema φ nem ao sistema ψ , o sistema ω mantém relações com eles. Ele é alimentado por φ e fornece a ψ os signos de qualidade e de realidade que vão constituir a prova da realidade.

Pois bem, esse aparelho neurônico é regido pelo Princípio de Inércia e, nele, a energia é totalmente descarregada, pois, escreve Freud, “a descarga representa a função primordial do sistema nervoso” (Freud, S. 1895/1975, p. 27). Isso quer dizer que, segundo o Princípio de Inércia neurônica, a quantidade de excitação recebida pelos neurônios deve ser inteiramente descarregada e conservadas as vias de escoamento para fugir dos estímulos. Mas o aparelho neurônico não pode livrar-se nem esquivar-se dos estímulos endógenos, como faz com os estímulos externos. Destes, ele pode livrar-se pela fuga, mas dos estímulos endógenos, não, pois eles ameaçam o indivíduo de dentro e são provocados por aquilo que Freud chamou: *Die Not des Lebens*, vale dizer, a necessidade da vida.

Ações e objeto específicos

Os estímulos endógenos cessam apenas por meio de ações específicas, que, pela mediação de uma ação externa adequada, conseguem uma resolução duradoura da tensão interna criada pelas *necessidades vitais*. Mas, para tanto, necessária se faz a

presença de um objeto específico (por exemplo: no caso da fome, para resolver a tensão interna que ela provoca, é preciso se contar com o objeto específico, que é o alimento). Mais ainda: além disso, requer-se também que, no organismo, fique acumulada, nem que seja em um grau mínimo, uma certa quantidade de energia interna. Essa tendência à constância, no entanto, não foi suficientemente explorada no **Projeto** e como o prazer se obtém pela descarga da tensão, inicialmente se tinha impressão que o princípio da inércia se identificava com o princípio do prazer. Foi só depois, no livro **Além do Princípio do Prazer** (1920) e no artigo **O Problema econômico do Masoquismo** (1924), que a distinção se impôs, pois Freud admitiu que a tensão sexual pode ser prazerosa, selando assim a distinção entre princípio de inércia e princípio de prazer.

A “*Hilflosigkeit*” do recém-nascido

Nesse contexto, Freud passa a analisar a experiência de satisfação originária, matriz-fonte do desejo, articulando-a à situação de desamparo do recém-nascido. Por causa de sua prematuração biológica, o bebê, ao nascer, é totalmente incapaz de satisfazer sozinho às suas necessidades vitais fundamentais. Para designar esse estado de impotência e de desamparo, Freud utilizou a sugestiva palavra alemã *Hilflosigkeit*, que, no seu sentido etimológico, quer dizer precisamente: a situação na qual alguém se encontra sem nenhuma possibilidade de poder ajudar a si mesmo. A palavra *Hilfe* quer dizer “ajuda” e *Losigkeit* significa “a falta de” ou “a ausência de” alguma coisa. O recém-nascido é um *Hilfflos* porque não tem nenhuma possibilidade de ajudar a si mesmo. De fato, sem aquilo que Freud chamou da *Fremde Hilfe*, ou seja, de ajuda alheia ou estrangeira, vale dizer, sem a ajuda de um outro diferente de si, o bebê não sobreviveria. De um modo curioso, mas que é profundamente significativo, Freud afirma que esta *Fremde Hilfe*, ou seja, que esta ajuda estrangeira é “a fonte primordial de todos os motivos morais” (Freud, S, 1895/1975, p. 52).

A vivência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*)

Em virtude da excitação endógena causada pela necessi-

dade vital da fome, o aparelho psíquico do recém-nascido procura primeiro apaziguar essa excitação pela descarga motora do grito ou do choro. Todavia, uma vez que a estimulação é endógena, a tensão só poderá se desfazer quando a fonte dos estímulos for eliminada. Quando, porém, a necessidade não é satisfeita, o grito e o choro tornam-se signos de uma demanda ou de um apelo a outrem. Desse modo, o que era expressão de uma necessidade orgânica e vital, torna-se também a expressão de uma demanda de comunicação. Para Freud é precisamente esta passagem da ordem da necessidade para a do apelo e da demanda que faz do *Fremde Hilfe* a fonte de todos os motivos morais. A ajuda alheia ou estrangeira, sem a qual o bebê não sobreviveria, condicionará também a sua existência como um “ser moral”, vale dizer, introduzi-lo-á na ordem simbólica da comunicação e da troca (Grossi, 2002, p. 30).

Por ocasião da experiência de satisfação originária, Freud destaca o investimento da imagem do objeto, que proporciona a satisfação por meio de uma ação específica e as informações sobre o movimento da descarga, que, aí, acontece. Ou dito de um outro modo: a experiência de satisfação fica ligada à imagem do objeto que proporciona a satisfação e à imagem do movimento que permite a descarga da tensão. Quando reaparece esse estado de necessidade, a imagem do objeto que proporcionou a satisfação é reinvestida na tentativa de que seja reproduzida a vivência de satisfação. Todavia, se o objeto não estiver presente, em vez da satisfação real, o que acontece é uma satisfação alucinatória. A alucinação da satisfação, no entanto, não é suficiente para a satisfação de uma necessidade vital.

Para Freud, aí está a origem do desejo. Pois este “encontra, de fato, sua origem numa procura de satisfação real, mas se constitui sob o modelo da alucinação primitiva” (Laplanche, J.- Pontalis, J-B. 1967, p. 151). O desejo, portanto, é marcado originariamente pela falta, porque ele procura, em todo objeto, aquele objeto que lhe proporcionou a satisfação originária. Mas esse objeto é, para todo sempre, **um objeto perdido**, por isso o desejo não se satisfaz nunca.

O Outro da Autoconservação

Para uma melhor compreensão do sentido dessa “ajuda estrangeira” (*Fremde Hilfe*), lembremos que ela, embora indispensável para a satisfação das necessidades vitais do recém-nascido, não se realiza nem se esgota em um plano meramente instintivo. Na resposta que a mãe oferece aos gritos e ao choro do bebê para ajudá-lo a satisfazer a necessidade, que, sozinho, não conseguiria, existe (ou, pelo menos, deveria existir) além do alimento, uma expressão de carinho e de ternura. O bebê não se alimenta apenas com o leite que lhe oferece sua mãe, ele se alimenta também com as palavras de carinho e de ternura que ela lhe diz, enquanto o alimenta. Isso nos dá oportunidade para repensar e analisar melhor o conceito de autoconservação (*Selbsterhaltung*) na perspectiva psicanalítica. Nela, o instinto de autoconservação tem uma dimensão diferente daquele que é trabalhado na perspectiva puramente biológica.

Por que Freud insistiu tanto em chamar de *Selbsterhaltungstriebe*, ou seja, de pulsões (*Triebe*) de autoconservação (*Selbsterhaltung*), aquelas pulsões que ele opôs às pulsões sexuais na primeira sistematização teórica do seu dualismo pulsional? No campo da autoconservação humana, o instinto de autoconservação não se realiza sozinho, ele conta também com a ajuda e a ternura do outro. Ou seja, na autoconservação humana, o instinto torna-se também comunicação e mensagem, e isso se explica pelo fato de que ele se inscreve num corpo habitado pela linguagem.

Pela mediação daquele que Laplanche chamou o “Outro da Autoconservação”, (Laplanche, J. 1977) esta entra na ordem simbólica da comunicação. Freud, referindo-se, em um texto posterior, aos perigos que ameaçam o bebê nessa situação de desamparo, põe em destaque “o valor do objeto que pode proteger o bebê” e isso cria, para o bebê, “a necessidade de ser amado (*das Bedürfnis geliebt zu werden*), que o acompanhará durante todo o resto de sua vida”.³ Delineado assim, nas suas grandes linhas, o contexto teórico do **Projeto**, vejamos o que, nele, Freud escreve sobre a dor e a vivência da dor.

A vivência da dor (Schmerzerlebnis)

Os sistemas de neurônios φ e ψ são dotados de dispositivos de proteção que impedem a invasão de grandes quantidades de excitação, tanto exógena quanto endógena. Para Freud, a dor é o fracasso desses dispositivos. Que ele o diga com suas próprias palavras:

Tudo o que se sabe a respeito da dor enquadra-se nesse conceito. O sistema nervoso tem a mais decidida propensão a fugir da dor. Vemos nisso uma manifestação de sua tendência primária de evitar o aumento da tensão quantitativa e podemos concluir que *a dor consiste na irrupção de grandes quantidades em ψ (psi)*. [...] *A dor fica assim caracterizada como uma irrupção de Qs excessivamente grandes em φ e em ψ , isto é, de Qs que pertencem a uma ordem de magnitude ainda maior do que a dos estímulos em φ (phi)* (Freud, S. 1956, p. 91 – Os grifos são nossos).

Os estímulos endógenos são maiores porque são constantes e não temporários como os estímulos externos.

Natureza quantitativa e qualitativa da dor

A dor, portanto, é produzida por grandes quantidades de energia e isso justifica sua natureza quantitativa. Mas ela tem também uma dimensão qualitativa, na medida em que é sentida como desprazer no sistema ω . No **Projeto**, é enfatizada a concepção quantitativa da dor, na medida em que ela é definida como uma efração provocada por um excesso de grandes quantidades de estímulos.

Mas Freud se refere também à dor no **Manuscrito G sobre a Melancolia**, que acompanhou a carta escrita a Fliess, em 7 de janeiro de 1895 (no mesmo ano em que foi publicado o **Projeto**). Nesta carta, a dor, de uma maneira que pode parecer bizarra, é apresentada como se fosse um “buraco”. A efração, ou ruptura, do para-excitação (*Reizschutz*), produz uma ferida que não deixa de ser um “buraco” no corpo. Jean Bertrand Pontalis comenta a significação deste “buraco”, dizendo que se trata de um “a-mais” ou de “um excesso” (*ce trou est un trop*) e lembra que, geralmente, as

pessoas, quando se queixam de uma grande dor, costumam dizer: “ah! mais isso dói demais” (Pontalis, J-B., 1977, p.258).

Pois bem, esse buraco-excesso liga a dor tanto a uma ferida do corpo, quanto ao vazio da falta (como acontece no caso da dor do luto, vale dizer, da dor causada pela perda de uma pessoa amada) e a liga também ao vazio do nada, como acontece no caso da dor do melancólico. A dor do luto, mesmo a mais dolorosa, é sustentada pela esperança de que após o doloroso trabalho de resolução dos laços que uniam o sujeito à pessoa de quem chora a perda, depois desse doloroso “desligamento” (*Lösung* como diz Freud) torne-se possível a “substituição” (*Ablösung*) do objeto amado por um outro objeto de amor e, então, o trabalho do luto termina. No caso do melancólico, porém, sua dor é marcada pelo desespero, pois, para ela, não existe saída e, onde não existe saída, só resta o desespero. Sendo assim, poderíamos dizer que, para Freud, a dor resultaria tanto de uma ruptura dos dispositivos protetores do para-excitação (*Reizeschutz*), como também da “perda de um objeto” (*Objektverlust*), perda esta que envolve o sujeito nas brumas do vazio e da ausência.

Isso, talvez, permita pensar que o excesso de grandes quantidades que provoca a efração, ou ruptura, do para-excitação, originando a dor física, repercute também, no plano psíquico, como uma perda sob a forma da dor psíquica, ou seja, o “buraco” do corpo na dor física pode ter, na dor psíquica, um equivalente, no “vazio” da alma.

Prazer x Dor

Nessa primeira abordagem freudiana do estudo da dor, a oposição que está na origem do funcionamento do aparelho neu-rônico e do acontecer psíquico não é a oposição entre *Lust* e *Unlust* (*Prazer* e *Desprazer*), mas a oposição entre *Prazer* (*Lust*) e *Dor* (*Schmerz*), enquanto dois modelos com formas diferentes de resolução da tensão que invade o psiquismo. A experiência de satisfação é regida pela experiência do prazer-desprazer, que essencialmente consiste no aumento e na redução e descarga da tensão gerada pelos estímulos. Na experiência da dor, a resolução da tensão criada pelo excesso dos estímulos não se faz pela des-

carga que gera o prazer, mas pelo processo de ligação da energia desligada, que enquanto desligada é uma ameaça para a integridade do Corpo e do Ego.

Embora Freud tenha colocado na base do funcionamento do aparelho neurônico a oposição *Prazer x Dor*, durante o que se costuma chamar de Primeira Tópica, ele pouco se refere ao **modelo da dor** e, na sistematização de sua teoria, ele fez trabalhar preferencialmente o registro tópico-econômico do **modelo do prazer**. Isso será feito em todo o desenrolar de sua Metapsicologia, desde o momento em que, declarando ao confidente Fliess que não acreditava mais na sua “neurótica”, ele fez da descoberta do mundo da fantasia e da realidade psíquica o campo específico da pesquisa psicanalítica. As fantasias são *Wunscherfüllungen*, vale dizer, são “realizações de desejo.” O mesmo vai acontecer no seu estudo dos sonhos e dos sintomas neuróticos, uma vez que eles também são, cada um do seu modo, “realizações de desejo”.

A dor, uma pseudo-pulsão

No artigo metapsicológico sobre o Recalque (*Die Verdrängung*), Freud (1982^a/1974) assemelha a dor a uma pseudo-pulsão, porque os estímulos exteriores interiorizados tornam-se uma fonte de constante excitação e de aumento de tensão. São excitações externas que se comportam como estímulos internos, porquanto tornam-se uma fonte contínua de estimulação interna, a qual não se pode evitar pela fuga. Freud, porém, no mencionado artigo também explica que “a finalidade desta pseudo-pulsão é apenas fazer cessar a alteração do órgão e o desprazer que a ele está ligado. Outro prazer direto não pode ser obtido pela cessão da dor”. Diferentemente do desprazer causado pela tensão pulsional, cuja descarga é prazerosa, a dor, quando cessa, não causa uma sensação de prazer. E Freud acrescenta: “A dor é imperativa. Ela só é subjugada pela interferência de uma suspensão tóxica (*einer toxischen Aufhebung*) e pela influência de uma digressão psíquica (*einer psychischen Ablenkung*)”.⁴

Freud descarta, também, a possibilidade da dor poder ser recalçada. Seria interessante lembrar aqui a distinção que ele estabeleceu entre Defesa e Recalque no anexo A do livro *Inibição*,

Sintoma e Angústia, de 1926. De início, ele quase os identificou, pois o recalque era a defesa, por excelência, da neurose. Depois ele os distinguiu, alegando que a defesa pelo recalque é patológica e inconsciente, enquanto o conceito de defesa é, em si, um conceito mais abrangente, é consciente e submetido à aprendizagem.

A dor física e psíquica no “além do princípio do prazer” (1920)

No início do texto **Além do Princípio do prazer**, Freud retoma suas considerações psicanalíticas sobre a dor e destaca algumas situações especiais, para a partir delas repensar o primado do princípio do prazer, que até então dominava sua teoria do psiquismo, tanto no seu acontecer quanto nas fases de seu funcionamento. Entre essas situações, ele destaca: as neuroses de acidente (*Unfallneurosen*), o jogo do *Fort Da* que ele observou quando viu seu neto tentando controlar uma situação de dor e de angústia causada pela ausência da mãe e a compulsão à repetição de situações dolorosas na Transferência.

Nos sonhos da neurose de acidente, aquele que sonha acorda-se com um grande susto e revive o trauma do acidente como se o estivesse vivendo pela primeira vez. Dir-se-ia que há sempre um “a-mais” na vivência do acidente que fica sem ser elaborado e, por isso, o que sonha acorda-se assustado como se o acidente estivesse acontecendo naquele momento pela primeira vez. Pois bem, é esse “inassimilável” que resta, que precisa ser elaborado e ligado nas repetições do sonho de acidente. Essa elaboração psíquica não será feita pelo modelo da tensão e da descarga próprio da experiência da satisfação, mas pelo modelo da ligação da energia desligada, próprio da experiência da dor.

No jogo do Fort Da, Freud repensa a economia psíquica que está envolvida nesta experiência. Dir-se-ia que, ao analisá-lo ele está à procura de um princípio econômico independente do princípio do prazer. A brincadeira do neto seguramente o fez pensar no que já havia escrito antes, no artigo *Recordar, Repetir e Perlaborar* (1914), sobre a compulsão à repetição. No jogo do *Fort Da*, temos a repetição de uma situação dolorosa, que, pode se tornar traumática. Na ausência da mãe, se a criança tiver uma ne-

cessidade que só com a ajuda dela pode ser satisfeita, a situação dolorosa pode tornar-se de desamparo. Mas fazendo desaparecer e aparecer o carretel que simboliza a mãe, a criança tenta dominar a situação de angústia pela mediação da linguagem. No caso do *Fort Da*, pela mediação dos fonemas Ó e A. O “ó” da palavra “Fort” (foi embora) e o “a” da palavra “Da” (eis aí). Ligando assim o que estava desligado, a criança consegue fazer da situação angustiante, uma vivência de prazer. Mais ainda: ao prazer da simbolização, a criança une o prazer da dominação, pois fazendo desaparecer e reaparecer o carretel, ela domina a situação, fazendo a mãe desaparecer e aparecer a critério de sua vontade.

A repetição compulsiva do que causa dor e desprazer, nos sonhos das neuroses de acidente e no Jogo do *Fort Da*, acontece também na experiência da Transferência. Nos três casos, a repetição da situação dolorosa está ligada à compulsão da repetição. Isso, como bem observou Lúcia Grossi, é devido à própria natureza da pulsão, que “não trabalha para o equilíbrio psíquico ou para a boa adaptação (como faz o instinto que, por natureza, é adaptativo), e, sim, para a sua própria satisfação” (Grossi, L. 2002, p.103). Nos casos relatados, há uma compulsão à repetição que supera o princípio de prazer. Mas essa compulsão à repetição remete a algo mais originário, mais elementar, mais pulsional do que o princípio do prazer.

É à luz desse algo mais elementar e originário que Freud vai repensar, na II Tópica, o modelo do Aparelho psíquico. O **modelo neurônico** do **Projeto** de 1895 foi primeiramente transcrito em uma linguagem psicanalítica e deu lugar, em 1900, ao **modelo topográfico** da **Intepretação dos Sonhos** (*Die Traumdeutung*). Em 1920, ele vai ser repensado como o **modelo da “vesícula viva”**, cuja característica mais geral é a excitabilidade. É esta excitabilidade que torna necessário o “escudo protetor” ou o “para-excitação” (*Reizeschultz*). Os órgãos dos sentidos seriam como os tentáculos dessa “vesícula viva” e eles também são equipados para se protegerem dos estímulos.

O mundo externo, no entanto, é uma fonte inesgotável de dor e o aparelho psíquico deve continuamente se defender. Nas situações traumáticas, o escudo protetor se rompe. Para dominar

o excesso da excitação que, então, invade o aparelho psíquico, este tenta fazer a ligação da energia desligada por meio das representações e das simbolizações. Pela ligação da energia, o que era processo primário torna-se secundário. A energia desligada dos processos primários é aquela que atua nos sonhos, nas fantasias e nas formações do Inconsciente. Mas aqui entra em cena para lidar com as situações muito dolorosas que danificam o corpo, o que se poderia chamar de narcisismo defensivo.

A dor e o narcisismo defensivo

A clínica psicanalítica conhece os fenômenos das defesas narcísicas, todavia o que vamos focalizar como **narcisismo defensivo** é a **função regeneradora** que Freud atribui ao narcisismo nas situações traumatizantes em que o ego e, particularmente, o corpo humano podem ser ameaçados de destruição. Nas *neuroses traumáticas*, os estímulos em excesso rompem o *pára-excitações* (*Reizeschutz*). Se assim é, compreende-se que os traumas provoquem grande distúrbio no funcionamento do psiquismo. Para se defender, o ego põe momentaneamente fora de ação até o próprio princípio de prazer e assume a tarefa de dominar e ligar psiquicamente as grandes quantidades de energia que irrompem e rompem o pára-excitações, a fim de poder levá-las a termo, ou delas se desvencilhar.⁵

A esse propósito, Dominique Scarlone (1993) observa que, na clínica do excesso e do vazio, o ponto de vista econômico tem um papel decisivo, pois embora sem poder medir essas grandes quantidades de energia e os excessos da sexualidade desligada, a psicanálise não pode deixar de levá-las em consideração nas suas reflexões metapsicológicas, sobretudo quando o enigma da dor se “apresenta” sem se “representar”, vale dizer, “presenta-se” numa cena vazia de representações. Portanto, a resolução do excesso de excitação que invade o ego, exige, em primeiro lugar, que a energia excessiva seja *ligada psiquicamente*, a fim de que o ego progressivamente possa depois controlá-la. Isso explica a necessidade, quase compulsiva, que os traumatizados sentem de voltar à cena do trauma, seja em sonho, seja em conversa com seus colegas. Sonhar e falar sobre o trauma é uma maneira de tentar ligar psiquicamente o excesso de excitação de que foram vítimas. É no

contexto das reflexões sobre as neuroses traumáticas que Freud fala do papel defensivo do narcisismo:

É igualmente conhecido, embora não tenha sido suficientemente apreciado na teoria da libido, que as perturbações graves na repartição da libido, como a de uma Melancolia, são temporariamente interrompidas por uma doença orgânica intercorrente e que, até mesmo o estado de uma Demência precoce plenamente desenvolvida, é capaz de remissão temporária sob as mesmas condições.⁶

Quando, por ocasião de um trauma, o corpo é danificado, mesmo que concomitantemente existam sérios problemas na esfera do psiquismo, a libido é solicitada para recuperar o órgão corpóreo danificado. A clínica confirma que, quando um doente está sendo dominado pela atividade delirante, se simultaneamente lhe ocorrer uma lesão corpórea, esta, ao exigir uma concentração da libido na recuperação do órgão danificado, possibilita uma melhora dos distúrbios psíquicos. Aliás, disso estavam conscientes os diretores dos asilos psiquiátricos, quando prescreviam (em tempos que esperamos estejam definitivamente superados!) que se produzissem abscessos sumamente dolorosos nos doentes delirantes que, apesar da medicação, não apresentavam melhora no quadro de seus delírios. Pois bem, é precisamente enquanto **superinvestimento narcísico do órgão lesado** que o narcisismo do corpo é introduzido, como defesa, contra as situações traumatizantes. E essa defesa opera tanto nos casos normais quanto nos patológicos.

A dor no anexo c do livro “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926)

Embora lamentando que a psicologia e a psicanálise ainda não disponham de respostas para dirimir a questão da dor, Freud aceita o desafio de abordá-la, na esperança de traçar algumas linhas de reflexão e de pesquisa que possam ser úteis para o seu estudo psicanalítico. Ele parte de uma situação bem definida: aquela em que se encontra uma criança, quando não reconhecendo a mãe no rosto de uma pessoa estranha, imagina que a perdeu e se desola. Para ela, a perda da percepção (*Wahrnehmungsverlust*)

equivale à perda de objeto (*Objektverlust*).

A criança faz, então, diria Dominique Scarfone (1993), a vivência da nostalgia que significa: a dor do retorno, pois está em questão “a volta de um objeto amado, não introjetado, ainda não representado e, mesmo assim, de modo algum ignorado, pois sua ausência é fonte de sofrimento e de dor”. Pontalis diria: “Lá onde existe dor, é o objeto ausente, perdido, que está presente e o objeto presente, atual, que está ausente” (Pontalis, J-B. 1977, p. 263). O mundo afetivo do bebê é geograficamente muito restrito, pois este se circunscreve ao mundo que lhe é familiar. Só o que lhe é familiar e conhecido desperta a sua confiança e a faz sorrir com tranquilidade. O estranho o angustia. Ele também não domina as coordenadas do tempo, pois seu tempo é o presente, é o tempo do imediato. Ela não consegue dominar a angústia causada pela ausência da mãe, dizendo a si mesma: ela logo mais reaparecerá. Para ela, uma ausência temporária ainda não se distingue de uma ausência definitiva.

Para que esta percepção dolorosa da perda temporária seja diferenciada da perda definitiva, é preciso que ela seja corrigida muitas vezes pela volta da mãe e, para isso, muito contribui a brincadeira que as mães costumam fazer, escondendo e mostrando o rosto a seu filho. A criança sente, nesta brincadeira, uma alegria imensa e sorri bastante como se estivesse fazendo a aprendizagem de uma coisa sumamente importante para a vida. Depois esta situação angustiante pode repetir-se mesmo quando a criança já não mais identifica a perda no espaço da percepção com a perda do objeto. Isso acontece quando, apesar da presença do objeto, ela teme perder o seu amor. Temer perder o amor do objeto materno pode ser tão angustiante como perder o próprio objeto.

Com esses dados, Freud propõe uma distinção entre angústia e dor. Esta seria o sentimento que domina a criança por causa da perda do objeto, a dor de se sentir *hilfflos*, vale dizer, desamparada! A angústia seria a reação diante desta situação de perigo. Perigo que, na situação de desamparo, toma a dimensão de uma angústia de morte e de aniquilação.

Retomando o que disse no **Projeto** de 1895, Freud reafirma que a dor surge de uma excitação que, atacando a superfície do

corpo, produz uma ruptura, na medida em que quebra os dispositivos protetores do *para-excitação* (*Reizeschutz*). Essa excitação, porém, opera como uma “excitação pulsional constante” (*eine Triebreiz*), contra a qual são ineficazes as defesas pelas ações musculares e motoras, geralmente eficazes quando se trata das excitações externas.

Dor corpórea e dor psíquica

Em seguida, articulando essas duas formas de excitação: a externa e a pulsional, Freud aborda a distinção entre dor corpórea e dor psíquica. Aparentemente nem a dor física tem algo a ver com a perda do objeto, nem a dor psíquica com as excitações periféricas. Mas, diz Freud, a linguagem criou o conceito de dor psíquica. Esta, apesar de distinta da dor física, pode com ela interagir na mesma medida em que o corpo e o psiquismo interagem e mutuamente se influenciam. Para melhor compreender como o discurso psicanalítico distingue, sem separar, a dor física da dor psíquica, é preciso não esquecer que, para a psicanálise, o corpo no qual se inscreve a dor física é o corpo erógeno, o corpo que, ao ser investido pela libido do ego, torna-se um eu-corpo, ou, como diria Merleau-Ponty, em um contexto diferente, um Corpo-sujeito.

Poderíamos também dizer, com Pontalis, que pela mediação da dor, o corpo se torna psiquismo e o psiquismo, corpo. Ou poderíamos dizer ainda que a dor é um conceito fronteiro (*ein Grenzbegriff*) entre o somático e o psíquico, de modo semelhante ao que acontece com o conceito de pulsão (*Trieb*). A experiência da dor é, ela também, um conceito limítrofe, pois une distinguindo e distingue unindo o sujeito e o objeto, o ausente e o presente, o fora e o dentro, a realidade e a fantasia, o passado e o presente (Pontalis, J-B. 1977, p.268).

É esta maleabilidade e flexibilidade das fronteiras do corpo e do psiquismo que permitem, no caso da dor psíquica, que a pessoa que sofre tenda naturalmente a querer representar os órgãos internos – que normalmente não são representados. E essa tentativa de representação psíquica da dor corpórea, diz Freud, pode tornar menos incômoda a própria dor do corpo, quando ela dói demais. Pois, como vimos, a dor é imperativa e só é subjugada por

uma supressão tóxica (*eine toxische Aufhebung*) ou por uma digressão psíquica (*eine psychische Ablenkung*) (Freud, S., 1982b, III, 107).

Freud articula ainda a passagem da dor corpórea para a dor psíquica com a transformação do investimento narcísico em investimento de objeto. O investimento narcísico, na hipótese do Eu-corpo, envolve tanto o Eu-instância quanto o Eu-corpo. Tenho a impressão de que isto só se torna mais claro e compreensível, se fizermos, no que concerne ao **investimento libidinal do corpo**, uma distinção entre **o investimento libidinal autoerótico do corpo** pelas pulsões parciais quando o corpo ainda é um aglomerado de partes *extra partes* e **o investimento narcísico do corpo**. Este é aquele de que fala Freud por ocasião das neuroses traumáticas, pois, nesse caso, o Eu já se encontra estruturado como uma unidade e o investimento libidinal vai ser feito com a finalidade de ajudá-lo a ligar os excessos das excitações desligadas. Resumindo, o investimento libidinal autoerótico seria regulado pelo modelo da experiência de satisfação, enquanto o investimento narcísico do corpo, de natureza defensiva, seria regulado pelo modelo da dor.

Considerações finais

Quando, no início, dissemos que a dor é única e que ela é constitutiva de nosso ser e que, por isso, com ela nos confrontamos desde o momento em que fazemos nossa entrada na vida, estávamos também afirmando que a questão da dor tem uma dimensão existencial. Daí termos programado encerrar essas reflexões sobre a experiência da dor na perspectiva psicanalítica, dando a palavra aos pensadores trágicos, antigos e modernos, para que eles nos digam o que pensam sobre a dor, no contexto de sua visão filosófica do Mundo e da Vida. Todavia, trabalhar mais a fundo esse diálogo exigiria um novo ensaio. Vamos, então, buscar, em Esquilo e em Nietzsche, apenas algumas considerações que complementem, do ponto de vista filosófico, o que Freud nos disse sobre a experiência da dor na perspectiva psicanalítica.

A dor na tragédia grega

Duas são as manifestações semânticas mais importantes da palavra grega *páthos*: o sofrimento e a paixão.⁷ A paixão, por sua vez, tanto pode designar um sofrimento além das medidas (como, por exemplo, a Paixão de Cristo), quanto um amor, que vai, ele também, além dos limites (como, por exemplo, o amor dos apaixonados). Desde as suas mais remotas origens gregas, o trágico é inseparável do desamparo. O homem trágico é essencialmente um *amechanós*, vale dizer, um “desamparado”.

Na arte trágica, em um clima de intensa dramaticidade, em que dominava a angústia de um conflito insolúvel e insuperável, enfrentavam-se, de um lado, **o herói** com a consciência da responsabilidade não só de seus atos, mas também das consequências de seus atos, e, do outro lado, **as forças ou potências divinas**, que inseriam o herói trágico numa ordem transcendental, diante da qual ele era totalmente *amechanòs*, vale dizer, impotente e desamparado. A ação trágica colocava o homem no centro dessa contradição (Vernant J. e Vidal-Naquet, P., 1977, p. 17).

Os poetas trágicos não prescindiam dos deuses, mas a eles cegamente não se sujeitavam, como acontecera na Epopéia homérica. Esse modo diferente de se relacionar com os deuses transparecia na maneira como o Coro funcionava e no lugar que ocupava durante a representação da Tragédia. Inicialmente, ele era o centro da representação e concentrava inteiramente a atenção dos espectadores. Em Ésquilo, o Coro era o porta-voz dos deuses. Em Sófocles, ele, de preferência, chamava o homem à responsabilidade de seus atos e tudo fazia para moderar-lhe os sofrimentos. Em Eurípides, o lugar central dos atores tornou-se ainda mais importante, pois eram eles que encarnavam o *páthos* representado na arte trágica.

Outro elemento característico da Tragédia grega era a lição de vida que ela encerrava. Nela, o sofrimento tornava-se a fonte de uma forma especial de sabedoria, que se poderia dizer trágica. O sofrimento deixava de ser visto como um castigo dos deuses, pois foram os próprios deuses que dele fizeram uma fonte de sabedoria, articulando o *pathein* (sofrer) com o *mathein* (ação de aprender e de se instruir). E, nestas duas palavras, Ésquilo resume uma lição de vida que é, indubitavelmente, uma das máximas

mais fecundas da sabedoria grega: “Ele [Zeus] abriu aos homens as vias da prudência, dando-lhes como lei: páthos máthos – sofrimento conhecimento”. (Eschille (1982), pp.264-265).

Pelo sofrimento, a ação trágica purificava as paixões que ela própria suscitava e os sentimentos, nela dominantes, despertavam uma nova modalidade de saber, que não era da ordem do **conhecimento teórico**, mas da ordem de uma **conversão interior**, mediante a qual o homem adquiria um novo conhecimento de si, ao preço da dura experiência das situações-limite de sua existência. Portanto, o sofrimento trágico era mais do que uma vivência dolorosa, era uma verdadeira **experiência**, que só no sofrimento se podia adquirir.

Nietzsche e a Dor

Para Lou Salomé, por detrás das metamorfoses de Nietzsche há uma essência escondida que define o seu espírito. Essa essência é o **sofrimento físico e a solidão psíquica**. No discurso trágico de Zaratustra, essa solidão aparece metaforizada no silêncio da noite: pois “cada coisa recebe o luminoso orvalho da beleza da manhã porque uma noite a separou do dia anterior”. É no sofrimento e na dor da solidão em que se encontra a verdadeira fonte da criatividade do nosso espírito, pois aquele que “ em qualquer tempo tenha construído um céu ... só achou força para tal em seu próprio inferno.” (Nietzsche, F.1887, III.10). Ou ainda: “Vós conheceis apenas a centelha do espírito, mas não vedes a bigorna que ele é nem a crueldade de seu martelo.”(Nietzsche, F., 1883, II.33)

Durante o tempo em que esteve sob a influência do pessimismo de Schopenhauer, Nietzsche via a vida como dor e destruição. Só na arte se encontrava um bálsamo para aliviar a dor de existir. Por isso, os gregos, que tinham uma extraordinária sensibilidade artística para o sofrimento, tornavam a vida mais agradável, criando a arte apolínea e a epopeia, mascarando, assim, a dor da existência. A vida só era possível por causa das miragens artísticas. A arte apolínea recalcou o dionisiaco. Pois bem, esta situação mudou com o advento da **arte trágica**, na qual se cantava a coragem diante do destino e a exaltação da vida. Na Tragédia, o dionisiaco deixou de ser recalçado e foi integrado ao apolíneo numa

espécie de embriaguês lúcida. O destino do herói era sofrer para ajudar o espectador a aceitar o sofrimento, como parte integrante da vida. Na tragédia, a dor gerava a alegria de resistir ao próprio sofrimento, descobrindo que “pior do que sofrer é não saber lidar com o sofrimento”⁸ nem dele tirar uma lição de vida.

Para Nietzsche, há duas maneiras de lidar com o sofrimento: uma é a daqueles que sofrem por causa da **abundância da vida** e a outra a daqueles que sofrem por causa do **empobrecimento da vida**. Os primeiros são os sofredores que abraçam uma visão e compreensão trágicas da vida. Os outros são “aqueles que procuram repouso, quietude, mar liso, redenção de si mesmo pela arte e pelo conhecimento, ou, então, a embriaguês, o espasmo, o ensurdecimento, o delírio” (Nietzsche, F.(1881-1882/1974, § 370).

O desafio da dor à Clínica contemporânea

O grande desafio clínico de nossos dias é transformar o sofrimento psíquico que caracteriza o mundo contemporâneo em um vazio positivo, uma falta constitutiva do existir humano, com abertura para a criatividade. Hoje, nosso grande desafio é levar o sujeito que sofre e que nos procura esmagado pelo excesso de uma dor inominável, a inventar uma nova maneira de ser, a partir das experiências vividas nas situações que marcam a sua trajetória no mundo. Ou, dizendo de outro modo: o grande desafio clínico, hoje em dia, é dar sentido à dor do não sentido. Enquanto se acredita que um sentido existe, a dor, por maior que seja, é sustentada pela esperança e isso nos livra do desespero. O que se espera do clínico, hoje, é que mais do que interpretar o sentido oculto dos sintomas, ele se empenhe em escutar a dor de seus clientes, a fim de que esses se tornem capazes de criar novos sentidos e novos caminhos para suas vidas.

Para tanto, o analista escuta(dor) e cuida(dor) tem que se confrontar com o não representável, esperando pacientemente que se torne possível começar a nomeá-lo. E isso não será possível, se ele não souber conviver com muitas interrogações e acreditar na linguagem potencial do sofrimento, olhado como via de acesso a uma forma especial de conhecimento que só no sofrimento se consegue. Assim olhado, o sofrimento revela que se, por um

lado, nosso ser é marcado pela contingência dos limites, do nada e da morte, por outro, ele não é menos aberto para o extraordinário milagre da vida.⁹

Notas

1. Sigmund Freud (1982a). *Die Verdrängung*. SA. Band III, 103-118/ SB (1974) *Repressão* Vol. XIV, 165-182 ; (1892d) *Trauer und Melancholie*. SA. Band III, 193-212 / *Luto e Melancholia*. SB. Vol. XIV, 271-291. Os textos de Freud foram consultados na edição original *Studienausgabe* (SA), da qual foram indicados o Tomo (Band) com número romano e as páginas com número arábico. Mencionei também a Edição *Standard Brasileira* (SB), indicando o volume com um número romano e as páginas em número arábico.
2. O resumo que estou apresentando das principais ideias do *Projeto* deve muito à leitura que dele fez Garcia-Rosa nesse livro que acabo de citar.
3. Sigmund Freud (1982g). *Hemmung, Symptom und Angst* . SA. Band VI, 293/.SB (1976) *Inibições, Sintomas e Ansiedades*. Vol. XX, p.179.
4. Sigmund Freud (1982b) *Die Verdrängung*. Band III, 107/ SB (1974). *Repressão*. Vol. XIV, p.169.
5. Sigmund Freud. (1982e) *Jenseits des Lustprinzips*. SA. Band III, 242-243/ SB (1976) *Além do Princípio de prazer*. Vol. XVIII, pp. 49-50.
6. “*Es ist auch bekannt, aber für die Libidotheorie nicht genügend verwertet worden, daß so schwere Störungen in der Libidoverteilung, wie die einer Melancholie, durch eine interkurrente organische Erkrankung zeitweilig aufgehoben werden, ja, daß sogar der Zustand einer voll entwickelten Dementia praecox unter der nämlichen Bedingung einer vorübergehenden Rückbildung fähig ist*“ . Sigmund Freud

(1982e) *Jenseits des Lustprinzips*. SA. Band III, p.243.
 SB. (1976) *Além do Princípio de prazer*. Vol. XVIII, p.49.

7. A palavra *páthos* vem do verbo grego *páthein* e significa: *ser afetado, padecer, sofrer, suportar*. Portanto, etimologicamente considerado, o *páthos* designa um estado no qual o sujeito é *afetado* por algo que é da ordem do excesso e da desmedida.
8. As palavras que estão entre aspas, eu as ouvi do grande médico clínico Francisco Barreto Trindade (Chicão como o chamamos nós os seus amigos), quando falava com uma cliente.
9. Sobre o sofrimento psíquico das novas formas de subjetividade características de nosso tempo e o desafio que ele vem apresentando à clínica contemporânea cf. Carmen Da Poian. A psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo. In Carmen Da Poian (org.) 2001, pp. 7-24.

Referências

- Da Poian, C. (2001). A psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo. In C. da Poian (Org.), *Formas do vazio: Desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera.
- Eschille (1982). Agamemnon. In *Tragédies* (P. Manzon, Trad., pp. 264-265). Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1956). *La Naissance de la Psychanalyse* (A. Berman, Trad.). Paris: Presses Universitaires de France (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1974). *Recordar, repetir e elaborar* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1974a). *Repressão* (Edição Standard Brasileira das

- Obras completas de Sigmund Freud. Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1974b). *Os Instintos e suas vicissitudes* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1974c). *Luto e melancolia* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (1975). *Projeto para uma psicologia científica* (Pequena Coleção das Obras de Freud, Vol. 12, M. Parson, Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1976). *Além do princípio de prazer* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1976a). *O problema econômico do masoquismo* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1976b). *Inibições, sintomas e ansiedades* (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 20) Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (1982a). *Erinnern, Wiederhollen und urcharbeiten* (Studienausgabe – Ergänzungsband). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1982b). *Die Verdrängung* (Studienausgabe - Band III, 103). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1982c). *Triebe und Tribschicksale* (Studienausgabe – Band III,75). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, Verlag. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1982d). *Trauer und Melancholie* (Studienausgabe -

- Band, III, 193). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1917 [1915]).
- Freud, S. (1982e). *Jenseits des Lustprinzips* (Studienausgabe – Band III, 213). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1982f). *Das ökonomische Problem des Masochismus* (Studienausgabe – Band III, 339). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1982g). *Hemmung, Symptom und Angst* (Studienausgabe – Band VI, 293). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1926).
- Garcia-Roza, A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana - I* (3a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Grossi, L. dos S. (2002). *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta.
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade: O desvio biologizante* (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Molière (1995). *Le Malade Imaginaire*. Paris: Flammarion. (Originalmente publicado em 1673).
- Nietzsche, F. (1974a). A Gaia Ciência. In *Obras Incompletas* (Coleção Os Pensadores, pp. 195-231). São Paulo: Victor Civita. (Originalmente publicado em 1881-1882).
- Nietzsche, F. (1974b). Assim falou Zaratustra. In *Obras Incompletas* (Coleção Os Pensadores, pp. 233-273). São Paulo: Victor Civita. (Originalmente publicado em 1883).
- Pontalis, J.-B. (1977). Sur la douleur (psychique). In J.-B. Pontalis, Entre le rêve et la douleur (pp. 254-269). Paris: Gallimard.
- Scarlone, D. L'empreinte douloureuse. In *Trans- Revue de Psychanalyse*. Printemps 1993. Recuperado em 28 outubro 2009, da <http://www.newspapersites.net/magazine/trans-revue-de-psychanalyse.asp>

Vernant, J., & Vidal, N. (1977) *Mito e tragédia na Grécia Antiga*
(Trad. A. L. A. de Almeida Prado, F. Y .H. Garcia & M. C. M.
Cavalcante. (4a ed). São Paulo: Livraria Duas Cidades.

Recebido em 22 de dezembro de 2009

Aceito em 08 de abril de 2010

Revisado em 18 de maio de 2010